

## PROBLEMATIZAÇÃO DAS NARRATIVAS INFANTIS SOBRE ALIMENTAÇÃO E MEIO AMBIENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

## PROBLEMATIZATION OF CHILD NARRATIVES ABOUT FOOD AND ENVIRONMENT IN THE EARLY YEARS IN ELEMENTARY SCHOOL

Gessana Damasceno Gomes\*  
Elisabeth Brandão Schmidt\*\*  
Alana das Neves Pedruzzi\*\*\*  
Dárcia Amaro Ávila\*\*\*\*

**RESUMO:** O artigo discute as narrativas de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no que diz respeito à alimentação em uma sociedade que procura caminhos para se tornar mais sustentável. Foi utilizada a metodologia de investigação narrativa para a produção e análise das informações, como forma de entendermos como se estabelecem as relações e inter-relações dos sujeitos com o meio em que vivem. A análise das informações foi orientada pelo seguinte questionamento: Como as crianças estabelecem relações com a alimentação em uma sociedade que busca a sustentabilidade alimentar? Foram problematizados os conhecimentos das crianças com relação aos seus hábitos alimentares, bem como a produção e consumo dos alimentos. As crianças puderam expressar suas vivências e experiências, ao debaterem algumas de suas hipóteses na produção de novos entendimentos.

**Palavras-chave:** Alimentação. Educação ambiental; Sustentabilidade alimentar.

**ABSTRACT:** This paper discusses narratives of nourishment – in a society that searches for ways to be more sustainable – produced by children who attend the first grades in Elementary School. A methodology of narrative investigation was used for producing and analyzing data as a way of understanding how relations and interrelations between subjects and their environment are established. Data analysis was guided by the following question: how do children establish relations with nourishment in a society that searches for food sustainability? Children's knowledge of their eating habits, besides food production and consumption, was problematized. Children could express their experiences when they debated some of their hypotheses and, thus, produced new knowledge.

**Keywords:** Food; Environmental education; Food sustainability.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: gessnadamascenogomes@yahoo.com.br

\*\* Pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha) e doutorado em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Docente da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: elisabethschmidt@furg.br

\*\*\* Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: alanadnp@gmail.com

\*\*\*\* Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: darcia.avila@furg.br

## INTRODUÇÃO

Diante dos impactos e desastres ambientais crescentes nas últimas décadas, inúmeros tratados e relatórios<sup>1</sup> produzidos em eventos internacionais pretendem fomentar a reflexão e o debate acerca do tema, subsidiando ações que possam minimizar os problemas socioambientais com vistas à sustentabilidade da vida. Neste contexto, questões relacionadas à alimentação e à sustentabilidade alimentar tem sido foco de debates, investimentos e ações governamentais e não governamentais.

A partir das inquietações com experiências vivenciadas no âmbito da escola e em outros espaços sociais, passamos a problematizar a relação da alimentação com o meio ambiente. Nesse sentido, como ponto de partida deste artigo, destacamos a seguinte questão: Como as crianças estabelecem relações com a alimentação em uma sociedade que busca a sustentabilidade alimentar?

Falar sobre alimentação e meio ambiente é extremamente importante, na medida em que esse binômio é, muitas vezes, negligenciado em nossa sociedade, que é capitalista e que, portanto, visa ao lucro em detrimento da resolução de problemas sociais, o que acaba gerando uma crise ambiental, que provoca, dentre outras questões, a degradação do meio ambiente e a escassez dos alimentos. Porém, não podemos dizer que essa escassez está ligada diretamente ao problema da fome, pois:

O problema da fome não tem a ver com escassez de comida no mundo, mas com a dificuldade de acessá-la e/ou a impossibilidade de comprá-la. O controle privado dos alimentos impede a sua justa distribuição, e determina que estes possam perecer nas gôndolas dos supermercados, mesmo quando pessoas vivem o sofrimento da fome e da desnutrição. (DAMO; SCHMIDT; CARTEA, 2015, p.84-85).

Assim, no questionamento da produção, distribuição e consumo de alimentos, vemos emergir um discurso que visa tornar a alimentação mais sustentável. Pode-se dizer que esse discurso se fortalece com a produção de

---

<sup>1</sup> Como exemplo, citamos o Relatório *Nosso Futuro Comum*, também chamado de “Relatório Brundtland” (1987) e a Conferência das Nações Unidas, sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, chamada de Eco-92.

produtos orgânicos, os quais estão sendo vistos pelas grandes indústrias como um novo mercado a ser explorado, tendo como finalidade atender a um consumidor que está preocupado em adquirir produtos mais saudáveis. Neste viés, este artigo está circunscrito a questões relacionadas à sustentabilidade alimentar, que diz respeito à produção e ao consumo de alimentos sustentáveis.

Segundo informações divulgadas na página eletrônica Alfonsin<sup>2</sup>, a Nestlé, que é líder na captação de leite no Brasil, iniciou um movimento no setor por estar “atenta ao crescimento da demanda por alimentos naturais nos últimos anos, (...) decidiu fomentar a produção de leite orgânico e está começando a experiência na região de Araraquara (SP)” (ROCHA, 2017, s/p.). Iniciativas de grandes indústrias como a Nestlé, nos fazem pensar no quanto esses investimentos em produtos orgânicos serão altamente rentáveis para os empresários. Entretanto, serão os produtores de leite também tão beneficiados? Terá a população mais carente de nosso país acesso a esses produtos?

É fácil identificar que o discurso da sustentabilidade alimentar está presente nas ações de organizações governamentais e não governamentais, nas mídias e campanhas publicitárias. Nesse sentido, torna-se pertinente mencionar o Manual de Educação para o consumo sustentável, documento produzido pelo Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Educação e Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, o qual apresenta uma série de discursos sobre sustentabilidade. Não obstante, um subtítulo desse documento chamou a nossa atenção: “Cidadania e Consumo Sustentável, Nossas escolhas fazem a diferença, Brasília (2005)”. Essa frase nos remete a um sentimento de que somente os cidadãos devem ter responsabilidade por aquilo que consomem e que as indústrias, propagandas e órgãos governamentais não possuiriam nenhuma influência em relação ao que consumimos. Questionamos se não sofremos essa influência, ou se a abrangência do debate sobre alimentação é que não nos propicia compreender o que se passa a nossa volta?

---

<sup>2</sup>Alfonsin é uma página eletrônica chamada Ricardo Alfonsin Advogados | Escritório de Advocacia, referenciada ao final deste artigo.

Com relação a pesquisas sobre sustentabilidade alimentar, buscamos algumas contribuições em um estudo realizado, o qual menciona que:

**A sustentabilidade alimentar**, também conhecida como produção sustentável de alimentos, ou também como agricultura de conservação, consiste em um dos principais objetivos a serem conquistados na agricultura. A agricultura de conservação procura aprender com a natureza, onde tudo no sistema é mantido em equilíbrio e tudo funciona em harmonia. No entanto, sistemas de produção que aliem a bons índices de produtividade e a conservação do meio ambiente têm sido um dos maiores desafios para as comunidades agrícolas nas últimas décadas. (INAGAKI, 2016, s/p; grifo do autor).

Além desse enfoque, o autor explica que, no Brasil, o sistema de plantio direto traz benefícios, pois há uma maior produtividade e conservação dos solos, já que essa plantação não necessita da preparação da terra. Ele destaca que a junção da lavoura com a pecuária tem favorecido a sustentabilidade alimentar, pois os agricultores têm conseguido obter uma rentabilidade maior em razão dessa integração.

Na busca pela sustentabilidade alimentar, outra questão aparece como de fundamental importância: o desperdício de alimentos. No contexto escolar, esse problema é extremamente preocupante, pois, muitas vezes, as crianças recebem na escola a única alimentação adequada e necessária ao seu desenvolvimento. Dados mundiais relativos ao desperdício de alimentos são alarmantes. Segundo a Organização das Nações Unidas (2015), o desperdício de alimentos no mundo, por ano, chega a 1,3 bilhão de toneladas, o que equivale a 1/3 da produção mundial. São desperdiçados em torno de 45% de frutas e legumes; 35% peixes e frutos do mar; 30% cereais; 20% dos produtos lácteos e 20% da carne. “[...] Estima-se que até 2050 a produção de alimentos precisará aumentar em 60% os níveis de 2005 para alimentar uma população mundial crescente” (ONU VERDE, 2015, s/p).

Ainda de acordo com os dados da pesquisa acima mencionada, o Brasil é apontado como sendo um dos dez países que mais desperdiçam alimentos: 30% de sua produção são jogados fora na fase pós-colheita. “Segundo a Embrapa, o desperdício está presente em toda a cadeia, sendo: 10% no campo, 50% no manuseio e transporte, 30% na comercialização e abastecimento e 10%

no varejo (supermercados) e consumidor final” (ONU VERDE, 2015, s/p). Damo, Schmidt e Cartea (2015) sublinham que o problema da fome não tem a ver com escassez de comida no mundo, ou seja, falar em alimentação não é apenas falar em escassez ou má distribuição, mas sim em como estamos nos relacionando social, econômica e ambientalmente em relação à alimentação.

Nessa perspectiva, observamos a produção de desigualdades, de fome e desnutrição, dentre outros problemas que afetam milhares de pessoas em nosso país. Apesar da gravidade desse problema, nem sempre a sociedade se questiona sobre o desperdício de alimentos, o qual ocorre por fatores econômicos, sociais e culturais. Essa questão pode ser observada desde o abastecimento nos centros comerciais até a chegada ao seu consumidor final, que muitas vezes desconhece como o alimento pode ser reaproveitado. No entanto, esse problema se evidencia principalmente pela falta de infraestrutura na hora do plantio e da colheita:



[...] os fatores que mais influenciam essas perdas dizem respeito à falta de infraestrutura adequada: plantio de variedades inadequadas para o terreno, falta de correção do solo e de adubação, aplicação imprópria de agroquímicos e manuseio incorreto pós-colheita. (FREIRE, 2018, s/p.).

Nesse sentido, torna-se imprescindível problematizar os modos de produção dos alimentos e de nossa relação com o meio ambiente a partir dessa produção. É importante evocar as problematizações no campo da Educação Ambiental, sem a pretensão de apontar o melhor caminho ou a resposta para os problemas ambientais, mas, a partir de alguns autores e autoras, tais como Guattari (2003), Leme (2007), Reigota (2012), Sampaio; Guimarães (2012), Damo; Schmidt; Cartea (2015), provocar a discussão e desnaturalização dos processos de exploração, degradação e desigualdades que estão presentes nas relações ambientais, sociais, econômicas, entre outras, visto que:

Não podemos perder de vista que as mudanças da realidade socioambiental e das posturas dos indivíduos dependem da EA; sem ela não se faz essa transformação. Porém, é preciso compreender que a EA não faz “milagre”; para mudar algumas coisas, são necessários investimentos, políticas públicas, envolvimento das instituições, comprometimento das pessoas etc. Por outro lado, só os investimentos, sem o devido

acompanhamento de processos educativos, têm pouca eficiência em termos de melhoria da qualidade ambiental. (LEME, 2007, p. 105).

Assim, apresentamos algumas discussões que nos possibilitaram olhar com mais atenção para as questões que envolvem a Educação Ambiental. Objetivamos também analisar as narrativas das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com relação à alimentação. Para tanto, utilizamos a metodologia de investigação narrativa, a partir dos autores Connelly e Clandinin (1995) para a produção e análise das informações.

A seguir, apresentamos as aproximações da alimentação com a sustentabilidade alimentar, a partir do campo da Educação Ambiental. Logo após, delineamos a metodologia de pesquisa, e por último as considerações finais.

## **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS POTENCIALIDADES NA PESQUISA**

Os problemas ambientais estão ligados a questões históricas e sociais. Nesse sentido, o desafio dos educadores ambientais é:

[...] investigar quais são e de que forma atuam, de fato, estes nexos, a fim de promovermos a formação de cidadãos aptos a organizar-se para superá-los e substituí-los por vínculos que interagem proativamente, e não destrutivamente com o ambiente. (DAMO; SCHMIDT; CARTEA, 2015, p.81-82).

Segundo Leme (2007), a Educação Ambiental pode ser entendida como um aprendizado social e político, em que os indivíduos causam interferência na realidade de modo a modificá-la, onde os sujeitos são ao mesmo tempo autores e atores, ou seja, aqueles que planejam e executam. Não é apropriado depositar sobre a educação a responsabilidade pela transformação da sociedade. Entretanto, a ela atribuímos um papel preponderante nesse processo. A escola, instituição essencialmente pedagógica que a maior parte da população frequenta, em determinado momento da vida, pode contribuir para que possamos pensar sobre questões que nos são dadas como certas, a respeito das quais, muitas vezes, não questionamos os autores e a forma como são produzidas. A alimentação é uma

temática que é abordada nos vários níveis do ensino formal, sem ter, muitas vezes, o devido aprofundamento ou questionamentos, tais como: O que a alimentação tem a ver com o meio ambiente? Como a Educação Ambiental pode contribuir com essas discussões na atualidade?

Na procura de respostas, ainda que provisórias, aos dois questionamentos acima citados, buscamos as contribuições de Damo, Schmidt e Cartea (2015), pois os (as) autores (as) entendem que estamos vivendo um processo de globalização dos hábitos alimentares, que se torna cada vez maior e está levando à destruição da diversidade da cultura gastronômica, ou seja, interfere nos modos de preparo dos alimentos, dos ingredientes e de suas combinações. Esse processo também intervém na diversidade biológica, onde há a perda de sementes crioulas, das monoculturas e da base alimentar, o que acaba ocasionando uma diminuição de espécies comestíveis. Assim, não há como desvincular os problemas que envolvem a alimentação com as questões socioambientais.

A esse respeito, buscamos subsídios no pensamento de Félix Guattari (2003), que nos possibilita refletir sobre as relações sociais e ambientais que perpassam a alimentação. Segundo o autor, embora o nosso planeta esteja vivendo um período de grandes e necessárias mudanças técnico-científicas, essas causam fenômenos de desequilíbrios ecológicos, ameaçando a vida como um todo. Anuncia que precisamos perceber o meio ambiente a partir de diferentes relações que envolvem os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana), os quais o autor chama de *ecosofia*, ou seja, uma articulação ético-política desses registros (Guattari, 2003, p.8). Para Guattari (2003), apesar de vivenciarmos práticas que buscam a sustentabilidade e a resolução dos problemas ambientais, ainda estamos restritos a técnicas e entendimentos parciais dos riscos ambientais, considerando uma discussão sobre as questões éticas e políticas que estão ligadas às questões ambientais. Sua proposta ecosófica propicia a articulação das diferentes relações sociais, apontando para a urgência de uma revolução política, social e cultural que abranja a sociedade como um todo, onde cada indivíduo deve ter sensibilidade, inteligência e, sobretudo, a vontade de mudar (GUATTARI, 2003, p.8-9). Nesse sentido, torna-se relevante

compreendermos as relações que as crianças estabelecem com a alimentação, debatendo e problematizando com elas questões vinculadas à alimentação, por meio de atividades que despertem o seu interesse.

Para Gusso e Schuartz (2005), a criança se relaciona com o mundo que a cerca a partir do momento em que ela passa a compreender e desenvolver suas potencialidades, o que a torna um ser sociável. Nessa perspectiva, é importante que ela seja estimulada desde cedo, por meio de atividades prazerosas, para que ela se aproprie com mais facilidade de conhecimentos fundamentais às interações que estabelece consigo mesma e com o outro, nas mais diversas formas de vida. É necessário, para tanto, considerar que a criança está em fase de desenvolvimento, que é parte de uma sociedade plural que abrange disparidades sociais, históricas, econômicas, políticas e religiosas, e que é a partir desses contextos que as crianças (re)elaboram e aplicam os seus conhecimentos.

Na atualidade, a criança é considerada, por educadores e estudiosos da infância, como um agente de transformação social, por participar ativamente da sociedade, a qual se organiza de acordo com a cultura local, o que propicia a interação com o meio onde vivem (GUSSO; SCHUARTZ, 2005, p. 238). Porém, isso também pode interferir no desenvolvimento integral da criança, pois ela sofre as influências externas e internas que as interpelam, produzindo assim sujeitos que estarão expostos aos discursos produzidos na sociedade, que podem ser positivos ou negativos.

A aprendizagem das crianças se dá a partir das relações que são estabelecidas no meio em que vivem, as quais estão imbuídas de valores e crenças, responsáveis por suas mudanças de comportamento, o que as torna ativas. Isso contribui para a construção de estruturas mentais, para a construção de sua própria autonomia e para a exploração do ambiente, tornando-as capazes de ultrapassar desafios e conquistar seu espaço (GUSSO; SCHUARTZ, 2005, p. 238).

Assim, reforçamos o quanto se torna significativo abordarmos as questões ambientais com as crianças desde os Anos Iniciais, visto que:

[...] a Educação Ambiental sozinha não conseguirá transformar a sociedade, mas ela pode ser o ponto de partida para incentivar reflexões e ações que contribuam para diminuir os danos ambientais. Acreditamos que, no espaço criativo e motivador que a instituição escolar oferece, surgirão novas ideias que podem contribuir para a construção de sociedades sustentáveis. Qualquer iniciativa que a escola faça para reduzir a violência, a pobreza, os atos predatórios e estimular projetos solidários e transformadores com a comunidade está dentro da perspectiva da Educação Ambiental contemporânea (FERREIRA, 2013, p. 187-188).

No próximo tópico discutiremos sobre o diálogo estabelecido com as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, objetivando saber qual a posição delas em relação às atividades propostas, as quais envolvem os debates contemporâneos sobre alimentação e Educação Ambiental.

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO NARRATIVA**

Para a produção e análises das informações da pesquisa, cujos resultados deram origem a este artigo, foram realizadas algumas atividades com alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal localizada no município do Rio Grande, RS. As atividades visaram à produção de narrativas das crianças sobre alimentação, para pensar na relação com o meio ambiente em uma sociedade que busca a sustentabilidade alimentar.

A produção de narrativas teve abordagem de pesquisa de cunho qualitativo, denominada de Investigação Narrativa, que de acordo com alguns autores,

[...] é a narrativa como uma prática social que constitui os sujeitos, ou seja, é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo tanto os sentidos de si, de suas experiências, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Esse processo de contar histórias vividas faz com que a pesquisa apresente outro olhar, ou seja, esse processo se apresenta como algo complexo, porque quando recontamos histórias, não apenas recontamos fatos que aconteceram em outro momento de nossas vidas, mas recontamos essas histórias tal como elas se refletem em nossas experiências presentes. Dessa forma, tanto as histórias como os sentidos que damos a elas, conforme vão sendo recontadas ao longo dos tempos, vão construindo nos sujeitos diferentes formas de ver e

compreender suas próprias histórias. (RIBEIRO; ÁVILA, 2013, p.72).

Para Connelly e Clandinin (1995), a importância da narrativa como totalidade é algo a ser construído graças a uma fonte de dados rica e elaborada, para focar as particularidades concretas da vida, a partir das quais se possam criar relatos poderosos. Dessa forma, entendemos que é possível olhar para o que é narrado pelas crianças em contextos culturais, sociais e ambientais específicos, embora Connelly e Clandinin (1995) afirmem que parte da dificuldade de se escrever narrativas consiste em encontrar formas de entender e de descobrir a complexidade das relações que existem entre as histórias contadas sempre, uma vez ou outra, na investigação.

Consideramos que, através das narrativas podem surgir novos temas que estejam relacionados à teoria e à prática, pois:

La narrativa y los relatos, tal como creemos que funcionan en la investigación educacional, generan nuevos temas sobre las relaciones entre la teoría y la práctica [...] estas investigaciones tienen que ser suaves, o quizás *amables*, para usar un término más apropiado. Lo importante es la creación de situaciones de confianza en las que una de las partes mejores de nuestra vida social, la urgencia de contar historias, encuentre una expresión (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 50).

Por meio das narrativas, as crianças demonstram seus modos de ser e de se relacionar com o meio ambiente. Essas se tornam uma maneira oportuna de (re)significar suas falas a partir do relato de suas experiências.

Desenvolver atividades relacionadas à alimentação junto à turma selecionada para a pesquisa foi uma forma de pensar tanto na produção, fabricação e distribuição de alimentos, como no modo de armazenamento e consumo dos mesmos, a partir do entendimento das crianças acerca dessas questões.

Para a realização das atividades utilizamos o áudio das vozes dos alunos, textos, vídeos, encartes de jornais de supermercado e contação de histórias, a fim de abordar alguns questionamentos, como: De onde vêm os alimentos que consumimos? Como esses alimentos são produzidos? Como os alimentos chegam até as nossas casas?

Na realização da primeira atividade ocorreu um relato coletivo, em que o objetivo foi saber quais os alimentos as crianças gostavam e que faziam parte de sua alimentação. Como forma de sistematizar esses conhecimentos, solicitamos que as crianças copiassem do quadro de giz, em seus cadernos, o nome dos alimentos que gostavam de comer.

Os alimentos mencionados como sendo preferidos pelas crianças foram: arroz, feijão, churrasco, pipoca, galinha, pastel, hambúrguer, salada de batata, ovo, cenoura, brócolis, aipim, massa, omelete, sorvete, batata frita, bife, alface, tomate, miojo, bolo, laranja, galinha assada e bergamota. Essa proposição nos permitiu compreender que as crianças demonstram gostar de alimentos variados, e em sua grande maioria saudáveis, embora tragam para a escola, na maioria das vezes, alimentos industrializados.

Analisando a preferência das crianças, depreendemos que isso pode acontecer em função da vida agitada das pessoas, principalmente dos pais que trabalham e que às vezes optam por esses alimentos prontos pela falta de tempo, conforme Guattari (2003) aponta, ao discorrer sobre as mudanças técnico-científicas pelas quais nossa sociedade está passando, o que pode engendrar a ocorrência dos mesmos padrões de comportamento nas famílias.

A segunda atividade consistiu em um relato individual, onde cada criança falou sobre as noções que têm a respeito da produção, fabricação, distribuição e consumo dos alimentos. As narrativas das crianças mostram que elas sabem descrever o modo como devemos plantar os alimentos, como foi mencionado por uma aluna: “tem que plantar, também tem que fazer os buracos, tirar a grama, colocar a semente, tapar e molhar” (ALUNA “A”, 2016).

As crianças entendem também que, devido à vida agitada que a maior parte das pessoas tem hoje em dia, alguns pais não encontram tempo para cuidados especiais, tais como dar café a seus filhos antes de sair de casa, como afirmado pela aluna “B”: “Eu não como nada, só como torrada no sábado e domingo. Eu não tomo café da manhã porque a gente sempre se atrasa” (ALUNA “B”, 2016).

A maioria das crianças apresentou noções dos cuidados que devemos ter no que concerne à armazenagem e utilização dos alimentos, pois responderam que quando chegamos a casa devemos guardar alguns alimentos

e outros temos que lavar antes de consumi-los, como por exemplo, as verduras e algumas frutas.

As narrativas mostram que, embora as crianças não tenham contato frequente (ou nenhum) com o meio rural, elas sabem que os alimentos que consumimos são plantados e que outros são provenientes dos animais. Apenas o aluno “D” relatou que “Às vezes eu compro no supermercado, às vezes o meu avô traz da plantação dele” (ALUNO “D”, 2016).

A terceira atividade foi desenvolvida a partir da leitura de um texto entregue às crianças como registro da discussão realizada em aula. O texto mencionava de onde vêm os alimentos que consumimos. Sua finalidade foi esclarecer a temática estudada. Na realização da quarta atividade utilizamos vídeos que abordavam a origem do açúcar (DE ONDE VEM O AÇÚCAR EPISÓDIO #4, 2016), de onde vem o leite (DE ONDE VEM O LEITE? EPISÓDIO #11, 2016) e Nutriamigos. Tais dispositivos nos possibilitaram pensar e discutir sobre o tema alimentação, relacionando-os com as hipóteses das crianças. Também tivemos como intuito a abordagem da importância de uma boa alimentação para incentivar as crianças a incluírem, em suas dietas, uma alimentação mais saudável.

O trabalho com os vídeos em sala de aula nos permitiu observar a potencialidade dessa metodologia a qual instiga a curiosidade das crianças não só pelo fato dos meios de comunicação, como a televisão, o celular e o computador serem acessados por grande parte da população, mas principalmente porque a mídia possui uma intencionalidade diante de tudo aquilo que anuncia, para poder manipular os futuros consumidores de acordo com os interesses de mercado. Porém, nossa abordagem estava focada em mostrar de onde vêm alguns alimentos que consumimos diariamente, como o açúcar e o leite, e também em promover uma discussão que estimulasse as crianças a pensar sobre a importância de termos uma boa alimentação em todas as fases da nossa vida.

Para fazer a apresentação dos vídeos conversamos com as crianças para saber quais seriam suas hipóteses. O primeiro vídeo exposto foi o do açúcar, propiciando que elas expressassem suas suposições. Mencionaram que o açúcar vinha da fábrica de açúcar, das árvores, até que a aluna “E” disse:

“Vem de uma cana-de-açúcar” (ALUNA “E”, 2016), demonstrando conhecer o assunto. Ao final do vídeo conversamos sobre o longo processo que o açúcar passa até chegar ao supermercado, para que esse estudo pudesse ter um significado no contexto infantil.

Após a apresentação do vídeo sobre o leite, questionamos as crianças sobre sua origem, tendo todas elas apontado para a vaca. Aproveitamos a oportunidade para dizer que o leite é produzido pelos mamíferos e que nós, seres humanos, também somos mamíferos. Contudo, o que mais chamou atenção, após o término dessa gravação, foi a fala do aluno “F” ao questionar de onde vinha o Nescau, dizendo: “Se o leite vem da vaca, o Nescau deve vir do bode” (ALUNO “F”, 2016). Em contraponto, sua colega, a aluna “G”, complementou: “O Nescau é feito de chocolate e o chocolate vem do cacau” (ALUNA “G”, 2016).

A quinta atividade realizada foi procedida a partir de uma tarefa que as crianças fizeram em casa. Consistiu em recortar e colar, nos cadernos, figuras de encartes de supermercado de seis alimentos que mais gostavam e de seis que não apreciavam.

**Figura 1:** Atividade de recortar e colar imagens de alimentos.



Fonte: Registro da autora, 2016.

A atividade proposta para fazer em casa foi realizada por apenas quatro das doze crianças que compunham a turma. Então, mudamos o planejamento propondo que a atividade fosse feita coletivamente. Enfatizamos aos nossos alunos que devemos ter compromisso com nossas tarefas, quer seja na escola

ou fora dela, por compreendermos que educar é um ato de responsabilidade. No desenvolvimento da atividade, pedimos que dissessem os nomes de seis alimentos que gostavam e seis que não gostavam, até chegar a um alimento em comum, antes de colocá-los no quadro de giz para que todos copiassem.

A análise dos recortes dos jornais mostrou que os estímulos visuais dos produtos industrializados chamam a atenção das crianças, considerando que aquelas que realizaram a atividade em casa optaram por recortar alimentos prontos e de fácil consumo. No entanto, quando as crianças falaram dos alimentos que gostam e dos que não gostam, surgiram as frutas, os legumes e até mesmo os frutos do mar, como o camarão, demonstrando assim que cada vez mais as indústrias, por meio da mídia, têm o poder de incentivar o consumo em massa de alimentos industrializados, o que muitas vezes faz com que as crianças deixem de experimentar alimentos mais saudáveis.

A partir do momento em que passamos a analisar as narrativas das crianças, entendemos que elas têm cada vez mais precocemente a compreensão do ambiente ao qual fazem parte, quer seja por meio de vídeos, desenhos animados, histórias, enfim, através dos mais variados artefatos culturais.

A utilização da Investigação Narrativa possibilitou às crianças falarem não só sobre seus hábitos alimentares, como também sobre seus entendimentos a respeito da produção e consumo dos alimentos. Além disso, elas ainda puderam compreender a importância de se estabelecer uma relação sustentável com o planeta, pois as narrativas das crianças apresentam um grande potencial, no desenvolvimento de algumas atividades:

[...] o que interessa aqui são as narrativas que emergiram, brotaram, se processaram na atividade. [...] nelas atuam incisivamente algumas das linhas de força do que estamos chamando de *dispositivo da sustentabilidade*. Fios cortantes e suaves que nos atravessam, que nos tomam, nos provocam, nos acolhem, que nos tocam e nos acomodam, que nos agredem e nos enredam no tempo presente.(SAMPAIO; GUIMARÃES, 2012. p.396).

Dessa forma, entendemos que, ao narrar, as crianças demonstram como elas vêm se constituindo na contemporaneidade, em uma sociedade que está passando por um período de grandes transformações. Essas afetam e

constituem nossos modos de perceber o meio ambiente do qual fazemos parte. Podemos notar essas questões nas falas das crianças que apontam para uma alimentação saudável, construção de hortas, aproveitamento dos alimentos, entre outros.

A última atividade realizada com as crianças foi desencadeada a partir da história de um menino chamado Fábio, a qual foi utilizada como subsídio para o diálogo sobre questões relacionadas ao solo. Essa história retratava um menino que ao ver sua mãe colocar o resto de alguns alimentos na horta, achou que ela jogava naquele local os alimentos que não gostava. Foi aí então que ele resolveu fazer o mesmo. Porém, os restos de alimentos que ele colocava na horta eram de produtos industrializados e com embalagens.

As crianças demonstraram estar tímidas ao falar sobre o solo, mas no decorrer da conversa, elas foram relatando o que tinha acontecido na história e também compreenderam a importância da abordagem desse assunto. A aluna “G”, que a princípio disse não saber o que era o solo, ao entender que estávamos falando sobre a terra, disse que o menino não poderia fazer isso, porque segundo ela “só pode pôr adubo, casca de banana, casca de bergamota, mas ele não tá fazendo adubo tá fazendo lixo” (ALUNA “G”, 2016). Em sua fala, fica claro que as crianças têm noção da importância de se ter uma relação de cuidado com o meio ambiente. Depreendemos, a partir da análise das narrativas, que embora as crianças ainda não tenham conhecimentos mais aprofundados sobre determinados assuntos, elas sabem que é importante cuidar do meio onde vivem.

Nessa perspectiva, notamos, por meio das atividades propostas, que realmente as crianças constroem conhecimento sobre questões relacionadas à alimentação e meio ambiente, e podem mudar suas atitudes, assumindo posturas mais sustentáveis. Suas narrativas podem contribuir para que nós, professores (as), tenhamos um olhar mais atento ao propor atividades que estão relacionadas à Educação Ambiental, pois falar em questões socioambientais implica discutir com as crianças que essas não atingem as pessoas de forma isolada, mas sim a sociedade como um todo:

[...] a Educação Ambiental como tema, prática discursiva e atividade científica se consolidará e dará visibilidade à sua

pertinência política e pedagógica, quando nós, educadores-pesquisadores ambientais, assumirmos coletivamente o compromisso em construir um campo que não se distancie dos contextos sociais e ecológicos em que surge e que, dessa forma, coloque em xeque a herança racionalista e moderna, competitiva e produtivista de se fazer ciência. (REIGOTA, 2012, p. 511).

Alguns aspectos sobre as atividades desenvolvidas, como por exemplo: saber os alimentos que faziam parte da dieta alimentar de cada criança; compreender a noção que as crianças tinham sobre a produção; promover a discussão sobre o respeito e cuidado que devemos ter em relação ao meio ambiente e observar que as crianças identificam ações sustentáveis em sua vida cotidiana possibilitaram-nos reiterar a importância política e pedagógica da Educação Ambiental.

Na atualidade, sabemos que as crianças fazem parte de uma geração que vem buscando ser sustentável, principalmente com relação à alimentação. Contudo, entendemos que os setores da indústria e do comércio que movimentam a economia em nosso país se preocupam mais em obter lucro, por meio dos mais variados alimentos industrializados encontrados nos supermercados, do que em investir em formas de tornar nossa sociedade mais sustentável. Isso poderia ser feito através de investimentos na agricultura familiar e na pecuária de pequeno porte, por exemplo, porém:

O caráter arbitrariamente poderoso da comida-mercadoria oculta as relações desencadeadas em sua cadeia produtiva. Seu preço e a forma como é apresentada nas prateleiras dos supermercados não refletem o que foi transformado e degradado no trajeto produtivo. As injustiças não constam nos rótulos. Estes rótulos não refletem a condição degradante do trabalho alienado, a dependência dos agricultores às imposições das grandes corporações do agronegócio e dos negócios altamente lucrativos da indústria alimentícia, e as relações desvantajosas de comércio que os submetem, e aos países periféricos ao centro de poder e decisões. (DAMO; SCHMIDT; CARTEA, 2015, p.87).

Além desses questionamentos, os (as) autores (as) também mencionam que muitas pessoas não pensam sobre os prejuízos que os alimentos industrializados podem causar à saúde, o que contribui para o surgimento de doenças, as quais favorecem o enriquecimento não só da indústria farmacêutica, como também da indústria de aditivos químicos que

causam a poluição dos alimentos industrializados (DAMO; SCHMIDT; CARTEA, 2015).

Nesse viés, pensamos o quanto é importante saber de onde vêm os alimentos que consumimos, para que não sejamos facilmente iludidos acerca da qualidade dos alimentos disponíveis nas gôndolas dos supermercados, muitas vezes com embalagens bonitas, propagandas convincentes, mas que na verdade não traduzem o que perpassa em sua história.

Há que se considerar o quanto é urgente e necessária a efetivação da Educação Ambiental no contexto escolar, com vistas à construção de princípios e valores que engendrem ações ambientalmente sustentáveis, assim como uma convivência respeitosa e harmônica entre os seres que habitam nosso planeta. Não ignoramos que a maior parte da população não dispõe de recursos para compartilhar uma alimentação saudável e consumir produtos sustentáveis, até porque há quem tenha pouco ou nada para comer. Mesmo assim, vislumbramos a possibilidade de educar as crianças para que suas famílias busquem alternativas de consumo, como comprar alimentos dos pequenos agricultores que dispõem seus produtos em feiras, por exemplo. Essa é uma alternativa viável para o avanço da sustentabilidade alimentar. Nesse sentido, mencionamos que:

A alfabetização alimentar é uma iniciativa, perspectiva e estratégia de educação formativa, que visa a engendrar no âmbito individual e coletivo atitudes conscientes no que tange às escolhas de consumo, que sejam sustentáveis do ponto de vista socioambiental e da saúde. (DAMO; SCHMIDT; CARTEA, 2015, p.92).

Para os autores, seria importante que as pessoas tivessem outro olhar perante os alimentos industrializados, no momento em que estivessem fazendo compras, agindo de forma mais consciente, quer seja levando somente o necessário, pesquisando os preços e optando, se possível, por produtos sustentáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa com as crianças foi um grande aprendizado, porque elas nos surpreendem com suas respostas às vezes simples, rápidas, espontâneas e por vezes, ao mesmo tempo, complexas. Esta investigação narrativa possibilitou a expressão e reflexão dos pensamentos das crianças acerca da alimentação. Ao contar e ouvir o que sabem sobre a alimentação e meio ambiente, elas constituem e (re)significam seus entendimentos prévios.

Problematizar com as crianças as suas hipóteses, erros e acertos durante as atividades realizadas, propiciou a elas uma compreensão e um outro jeito de se relacionar com a alimentação em uma sociedade que pretende a sustentabilidade. Outras relações de poder precisam ser problematizadas para que haja uma articulação entre o social, o ambiental e a subjetividade humana.

As narrativas das crianças sobre alimentação e meio ambiente mostraram que, na medida em que elas conhecem melhor o meio em que vivem, passam a ter outro olhar e outras formas mais positivas de relacionamento. Portanto, consideramos imperativo que as questões ambientais sejam problematizadas com as crianças, na escola, a partir da Educação Infantil, embora saibamos que essa abordagem deveria acontecer muito precocemente, na própria família e em outros ambientes sociais.

Outro aspecto importante analisado refere-se aos produtos que foram apontados pelas crianças, pois surgiram tanto os alimentos industrializados como aqueles considerados saudáveis, o que avaliamos estar relacionado não só ao ambiente em que a criança vive, mas também com a influência que a mídia exerce no que concerne a nossa alimentação, atrelada aos interesses das indústrias.

Nesse viés, reiteramos que não basta apenas que as crianças se apropriem das noções acerca da importância dos alimentos para que haja modificações em relação à sustentabilidade alimentar. Necessária é a criação de projetos e investimentos em políticas públicas no setor agrícola, pois é dele que provêm nossos alimentos.

Ao pensar nas narrativas como forma de abordar os conhecimentos das crianças sobre seus hábitos alimentares, seus entendimentos de produção e

consumo dos alimentos, propiciamos que elas expressassem suas experiências e sentimentos com relação ao meio em que vivem e também que desconstruíssem algumas de suas hipóteses e reafirmassem outras. A investigação narrativa, portanto, se torna uma metodologia adequada e eficaz quando se busca entender o que as crianças pensam sobre alimentação e meio ambiente, considerando que elas são espontâneas e não têm constrangimento de expor o que pensam.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Dárcia Amaro; BARROS, Suzana da Conceição. Poluições: discutindo a degradação ambiental na sala de aula – Roteiro experimental – Poluição do solo, p. 168. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs). **Ensino de Ciências: outros olhares, outras possibilidades**. Rio Grande, FURG, 2014, p.208.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. **Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa**. In LARROSA, Jorge (et.al.) Déjame que te Cuente– Ensayos sobre Narrativas y Educación. Barcelona: Ed. Laertes, 1995, p.50.

**Consumo Sustentável:** Manual de educação. Brasília: Consumers International/ MMA/MEC/IDEC, 2005. 160 p. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/\\_arquivos/consumo\\_sustentavel.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/consumo_sustentavel.pdf)>. Acesso em 18 jun. 2016.

DAMO, Andreisa; SCHMIDT, Elisabeth Brandão; CARTEA, Pablo Ángel Meira. Para além da “comida-mercadoria”: reflexões a partir da educação ambiental crítico-transformadora. **Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**. E-ISSN 1517-1256, v. 32, n.2, p. 75-94, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5014/3459>>. Acesso em: 13 nov. 2016

**De onde vem o açúcar?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Iz8hoNdKJBg>>. Acesso em: 04 set. 2016.

**De onde vem o leite?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iGAwTwdB5NA>>. Acesso em: 04 set. 2016.

FERREIRA, Claudia. **O meio ambiente na prática de escolas públicas da rede estadual de São Paulo: intenções e possibilidades**. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/3100/2408>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

FREIRE, Murillo. **Alimentação em Foco**. Disponível em:  
<<https://alimentacaoemfoco.org.br/desperdicio-alimentos-na-colheita/>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

GOMES, Gessana. Damasceno; ÁVILA, Dárcia Amaro. 2016. 25f. “**Se o leite vem da vaca, o Nescau deve vir do bode**”: Problematizando narrativas sobre alimentação e meio ambiente nos anos iniciais. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 14. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger; SCHUARTZ, Maria Antonia. **A criança e o lúdico**: a importância do “Brincar”. p. 237-248. Disponível em:  
<<http://docplayer.com.br/2433334-A-crianca-e-o-ludico-a-importancia-do-brincar-profa-ms-sandra-de-fatima-kruger-gusso-pupr-profa-ms-maria-antonia-schuartz-pucpr.html>>. Acesso em: 10 nov.2014.

INAGAKI, Thiago. **Sustentabilidade alimentar**: saiba como praticar. Disponível em: <<http://blog.agropro.com.br/sustentabilidade-alimentar-saiba-como-praticar/#prettyPhoto>>. Acesso em 16 nov.2016.

LEME, Taciana Neto; Conhecimentos Práticos dos Professores e sua Formação Continuada: um Caminho para a Educação Ambiental na Escola. In: GUIMARÃES, Mauro (org.). **Caminhos da educação ambiental**: da forma à ação. Campinas, SP: Papirus, 2 ed. 2007, p.105.

**Nutriamigos- é só você provar**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=wv4kThJxKxQ>>. Acesso em: 27 set. 2016.

**Produzidos e jamais consumidos**: um guia visual sobre o desperdício de alimentos. Disponível em: <<http://www.onuverde.org.br/Artigo/108/Produzidos-e-jamais-consumidos-um-guia-visual-sobre-o-desperdicio-de-alimentos>>. Acesso em: 26 maio. 2016.

REIGOTA, Marcos. Educação Ambiental: a emergência de um campo científico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 499-520, maio/ago. 2012. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p499/23328>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... A narrativa como metodologia na pesquisa educacional. In: **Pesquisas em Educação**: experimentando outros modos investigativos. Rio Grande: Ed. da FURG, 2013. p. 71-78. (vol. 18)

ROCHA, Alda do Amaral. **Nestlé fomenta a produção de orgânicos no país**. Disponível em: <<http://www.onuverde.org.br/Artigo/108/Produzidos-e-jamais>>

consumidos-um-guia-visual-sobre-o-desperdicio-de-alimentos>. Acesso em: 03 nov. 2017.

SAMPAIO, Shaula. M. V. de; GUIMARÃES, Leandro. B; **O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 395- 409, maio/ago.2012. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395/23324>>. Acesso em: 11 jun.2016.

*Recebido em: 28/09/2018*

*Aprovado em: 20/09/2019*

